

## POLÍTICAS DA VERDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES NO NEOLIBERALISMO: O SUJEITO SUPOSTO SABER EM TEMPOS ALGORÍTMICOS<sup>1</sup>

THE POLITICS OF TRUTH AND ITS TRANSFORMATIONS IN NEOLIBERALISM:  
THE SUBJECT SUPPOSED TO KNOW IN ALGORITHMIC TIMES

Nelson da Silva Junior<sup>2</sup>

**Resumo:** O desenvolvimento de tecnologias de segmentação pública e a distribuição selecionada de informações acrescentaram novas possibilidades à antiga arte da persuasão. Essas tecnologias não apenas atingem um nível inédito de individualização da informação na história da mídia de massa, como também são capazes de produzir o conjunto de informações mais aceitável para cada indivíduo ou grupo de indivíduos. Na verdade, pode-se dizer que essas tecnologias constituem um novo tipo de poder, em que a produção da verdade em tempos algorítmicos permite a condução controlada das ações futuras de sujeitos e grupos com uma forma de proximidade sem precedentes. A fim de tentar isolar e compreender a eficácia dessas ferramentas algorítmicas, exploro o pensamento de Michel Foucault sobre as modalidades de poder. Para concluir essas reflexões, sublinho o interesse renovado de pensar a dinâmica do poder com base em uma concepção da linguagem como um elemento que precede os sujeitos. Isso coloca a abordagem crítica da alienação social em um terreno diferente da retórica e da persuasão, e mais próximo de uma análise dos efeitos ontológicos do discurso, a saber, a dimensão performativa da linguagem.

**Palavras-chave:** Tecnologias algorítmicas. Poder. Produção da verdade. Linguagem. Produção da subjetividade.

<sup>1</sup> Versão ligeiramente modificada do artigo: Silva Junior, N. (2019). *The politics of truth and its transformations in neoliberalism: the subject supposed to know in algorithmic times*. *Filozofski Vestnik*, 38(1).

<sup>2</sup> Nelson da Silva Junior é psicanalista, doutor em Psicopatologia Fundamental pela Universidade Paris VII, e professor titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Coordenador do Latesfip.

**Abstract:** *The development of technologies for public segmentation and selected distribution of information added new possibilities to the old art of persuasion. These technologies not only achieve an unthought level of individualization of information in mass media history, but also are able to give the most acceptable cluster of information to each individual or group of individuals at a time. In fact, these technologies can be said to constitute a new kind of power, where the production of truth in algorithmic times allows the controlled conduction of subjects and groups in an unprecedented close way. In order to try to isolate and to understand the effectiveness of these algorithmic tools, I explore Michel Foucault's thought on power modalities. To conclude these reflections, I underline the renewed interest of thinking power dynamics based on a conception of language as an element that precedes the subjects. That puts the critical approach of social alienation on a different ground from rhetoric and persuasion, and closer to an analysis of ontological effects of discourse, that is, the performative dimension of language.*

**Keywords:** *Algorithmic technologies. Power. Truth production. Language. Subjectivity production.*

Desde as últimas eleições no Brasil uma série de fenômenos perturbadores veio à tona: a polarização da população brasileira em dois grandes blocos, a disseminação de comportamentos de violência verbal e física, a naturalização do preconceito, da segregação e da exclusão. Testemunhou-se o menosprezo pela reflexão e pelo debate enquanto modos de conciliação das diferenças. Em seu lugar, eclodiu uma espécie de legitimidade da agressão verbal e física contra aqueles considerados como encarnações da corrupção moral e sexual da ordem, da família e do progresso econômico. Finalmente, cabe sublinhar a presença de um líder com atitudes e discursos autoritários, frequentemente contraditórios, com declarações homofóbicas, misóginas e racistas, com narrativas maniqueístas capazes de mobilizar as massas e que venceu as eleições por voto popular: o capitão reformado Jair Messias Bolsonaro. Nesse contexto, o conservadorismo e o moralismo parecem ser resultado de uma inquietante nostalgia do período da ditadura militar brasileira. Nome e patente estiveram em perfeita continuidade com as referências militares e religiosas de sua campanha e posterior gestão política, que foram sistematicamente marcadas por uma clara política de polarização ideológica da população.

Estamos diante de uma situação análoga àquela que levou Hannah Arendt a escrever *As origens do totalitarismo*. Diante dos horrores da Segunda Guerra, sua geração se perguntava: “O que havia acontecido? Como pode aquilo ter acontecido?” (Arendt, 2000, pp. 339-340). Mas diferenças essenciais estão em jogo no que se refere aos meios de persuasão das massas empregados nesses dois momentos. De fato, as novas tecnologias digitais e suas possibilidades inéditas de gestão do saber inauguram, segundo penso, uma nova etapa das *políticas da verdade*, termo cunhado por Michel Foucault (Foucault, 2017c). Vejamos como ele descreve essa noção.

Para Foucault (2017c), a função política do intelectual apresenta uma radical mudança ao longo do século XX. Essa mudança é ilustrada por ele com dois tipos diferentes de intelectuais e suas relações com a política. Do final do século XIX até a Segunda Guerra Mundial, o intelectual era um sujeito livre e moralmente engajado que encarnava a consciência universal. Ele não se confundia com outras pessoas também com formação acadêmica, cujas ocupações implicassem conhecimento científico, como o médico ou o engenheiro. Em vez disso, tais intelectuais tinham, em geral, uma educação em direito, o que lhes permitia serem escutados com respeito a cada vez que questões sociais aparecessem em discussões sobre valores universais e humanistas, como justiça, crimes e sua devida punição. A metade do século XX trouxe outro tipo de intelectual, o que Foucault chama de específico, que era escutado por seus conhecimentos sobre assuntos específicos, principalmente em questões técnicas, cujos efeitos afetariam a todos, como a energia atômica e seus riscos. Ao contrário do universal, o intelectual específico é especializado e tem profundo conhecimento de poucos problemas objetivos. Mas esse conhecimento limitado é justamente o que sustenta e fundamenta a sua opinião quando surgem problemas gerais. De fato, essa mudança foi o resultado do desenvolvimento de estruturas tecnológicas que trouxeram uma nova forma de poder político cujos agentes eram os cientistas.

Sabemos que a abordagem de Foucault sobre a verdade é inspirada na crítica de Nietzsche ao idealismo ocidental. Isso significa que a verdade não é considerada uma realidade transcendente e/ou absoluta. Ao contrário, a verdade é vista como uma criação social radicalmente mundana e contingente, inseparável do poder, e que é política e historicamente situada. Nesse sentido,

## CONVIDADO

toda sociedade, segundo Foucault (2017c) tem sua política geral de verdade, a saber, os tipos de discurso que esta sociedade aceita como verdadeiros, seus mecanismos e formas de distinguir enunciados, técnicas e procedimentos verdadeiros e falsos para alcançar a verdade e também o status daqueles que estão autorizados a dizê-la. Em nossa sociedade, a economia política da verdade, diz Foucault, é historicamente marcada por cinco características: o discurso científico é a forma legítima da verdade, a verdade é constantemente demandada e usada pela política e pela economia, a verdade é abundantemente difundida e consumida, é produzida principalmente sob o controle de grandes instituições políticas e econômicas como universidades, exército e assim por diante, e finalmente a verdade está no centro de todo um debate político e de confrontos sociais (Foucault, 2017c, p. 112-113).

Essa descrição pode parecer confiável ainda hoje, pois cientistas e universidades continuam sendo considerados os agentes mais legítimos dos discursos verdadeiros. Suas produções ainda despertam grande interesse dentro dos domínios político e econômico, e são mais do que nunca objeto de difusão ampliada, de consumismo e debates sociais de alta intensidade. No entanto, gostaria de chamar a atenção para o fato de que o regime político da verdade de nossa sociedade passou por mudanças importantes desde o texto de Foucault. Isso se deveu não apenas a algo a que Foucault não teve acesso, a saber, o advento da internet, mas principalmente ao funcionamento entrelaçado dessa nova tecnologia com a política neoliberal pelo mundo.

Primeiro, a produção da verdade não está mais exclusivamente sob o controle de universidades e instituições estatais. Empresas privadas, desde então, estenderam seus próprios recursos para P&D, fomentando uma produção de conhecimento muito precisa e adaptada às suas necessidades de mercado. A difusão de realizações de pesquisa e/ou seus fracassos também mudou, porém em direção oposta. Por um lado, com o advento da internet, o conhecimento científico parece ter finalmente se tornado acessível a todos no planeta. De fato, poderíamos dizer que vivemos em tempos sem precedentes de uma democracia da verdade. Por outro lado, a difusão do conhecimento tornou-se gradualmente mais parecida com a difusão da propaganda, tanto por causa da forma simplificada de sua linguagem quanto de sua função de aumento de consumo. Nesse sentido, os agentes sociais tradicionais dotados do discurso da verdade, como cientistas e universidades, também foram afetados pela lógica econômica que emoldurou as verdades científicas. Eles não podem mais falar por si mesmos, seu testemunho não é mais gratuito, e sua palavra é convidada a ser ouvida apenas sob pesadas restrições econômicas. Seu poder de opinião é chamado apenas como um apoio a mais, enquanto agentes legitimadores, no mesmo nível das estrelas de cinema e de outros influenciadores de opinião. Mas isso não significa que os intelectuais específicos se tornaram apenas fantoches nas mãos dos profissionais de marketing. Eles ainda têm uma função essencial na produção de tecnologias eficazes e complexas. Em outras palavras, eles ainda são responsáveis por produzir a verdade. É principalmente o seu papel de legitimação e disseminação em questões de verdade que mudou. Primeiro, eles perderam o privilégio de dar a última palavra sobre os assuntos de seu domínio. Não apenas a rede se tornou uma fonte quase infinita de conhecimento disponível, mas também o ambiente digital sempre pode oferecer uma infinidade de declarações opostas às suas. Isso implica, talvez, o que pode ser considerado a transformação mais importante no regime de verdade da nossa sociedade: com tantas informações, com esse material contraditório, cabe ao consumidor decidir o que pode ser considerado verdade. O atual agente legitimador da

nova economia da verdade da nossa sociedade é, na verdade, o próprio homem comum.

Comparado ao intelectual específico, o homem comum não pode produzir, mas pode decidir quais fatos e ideias ele acreditará serem verdadeiros. Outra diferença é que seu domínio do conhecimento não é local e particular como o do intelectual específico, mas diz respeito a todos os temas, e, nesse aspecto, está mais próximo ao intelectual universal do que ao intelectual específico. Por fim, houve um movimento contrário à rarefação da verdade: enunciados cuja confiabilidade dependia do reconhecimento de um respeitado pesquisador, resultantes de uma série de procedimentos amparados em laboratórios, tornaram-se inflacionados, incessantes e generalizados, pois todos se sentem capacitados para discerni-los.

Mas o ambiente digital do qual o homem comum retira seu conhecimento não é o campo natural de sua própria experiência. Longe disso, e devido à tecnologia algorítmica altamente desenvolvida, esse ambiente é cuidadosamente e completamente controlado. Isso significa que o homem comum, o usuário da rede, está dividido em uma situação dupla: por um lado, ele age livremente e decide sem restrições, a cada vez, a confiabilidade que merece cada informação à qual ele tem acesso. Por outro lado, o ambiente e as fontes de onde ele adquire seus conjuntos de informações são o resultado de um processo de seleção projetado e personalizado com precisão. Estamos aqui diante de uma forma indireta de poder: o poder sobre as possíveis ações do outro. Esse tipo de poder individualizado baseado no controle do meio ambiente e nas possibilidades de ação dos indivíduos foi nomeado por Foucault como um poder pastoral, uma expressão oriunda do tipo de controle que foi desenvolvido pela primeira tradição monástica cristã. A tecnologia digital tornou-se uma ferramenta política poderosa na economia neoliberal, uma vez que possibilita o pastoreio de um grande número de indivíduos livres, bem adaptados e individualizados. Para compreender como esse personagem aparece e se engaja no novo regime de verdade de nossa sociedade, vamos começar com uma comparação com seu antecessor, o receptor da mídia de massa tradicional. Isso nos permitirá discernir as estruturas mais gerais dessa nova tecnologia e sua aplicação à modalidade pastoral do poder, cujo primeiro diagnóstico foi realizado por Foucault. De fato, se o homem comum é alçado artificialmente ao novo sujeito suposto saber no neoliberalismo, cabe primeiramente entender como isso ocorre, para, em seguida, pensar o que isso revela da estratégia geral de poder no neoliberalismo.

#### **A MUTAÇÃO DA PRAGMÁTICA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: DA MASSA PASSIVA AO SUJEITO LIVRE**

A comunicação de massa cresceu exponencialmente ao longo do século XX a partir dos avanços técnicos, com um alto poder de alcance e/ou de reprodução. Marshall McLuhan, por exemplo, falava nos anos 70 que os meios de comunicação haviam transformado o planeta em uma aldeia global. Apesar de essa expressão ser ainda mais verdadeira hoje, pois as redes de comunicação possuem uma tecelagem muito mais fina em torno da Terra, dois funcionamentos muito diferentes da comunicação estão em jogo em cada um desses momentos. De fato, uma mudança radical ocorre na lógica da comunicação com o advento de novas tecnologias com os computadores pessoais, a internet e os *smartphones*.

Nos meios de comunicação tradicionais, através do rádio, canais de te-

## CONVIDADO

levisão e de jornais impressos, uma mesma informação era destinada a todos. O dispositivo emissor era essencialmente dinâmico em relação a uma massa de espectadores estáticos, destinatários fixos de um fluxo incessante de informações. Essa passividade estrutural do espectador pode ser considerada como a marca de sua submissão na lógica das mídias de massa, uma vez que ele é impotente para interagir com as informações às quais tem acesso. Ora, no ambiente da internet, tanto o dispositivo como o usuário são essencialmente dinâmicos. Isso pode dar a impressão de que o espectador é menos passivo nesse contexto, mas, na verdade, ele está em uma relação ainda mais desfavorável do que antes em relação à sua liberdade de interação com as informações que lhe chegam. Essa aparente contradição entre a dinâmica do usuário e sua posição desfavorável se esclarece se pensarmos que os dispositivos de mídia atuais são programas de computação incansavelmente ativos. Tais programas fornecem novas informações ao usuário a partir de uma análise algorítmica das rupturas de seus padrões de busca. Qualquer busca por bilhetes de avião no Google produzirá o surgimento de dezenas de pacotes turísticos na tela. Assim, a experiência do usuário é aquela de uma confortável antecipação do mundo aos seus próprios interesses. Sua liberdade, porém, é bem menor do que a do espectador televisivo, pois é precisamente ao inovar em suas buscas e interesses que o usuário contribui para seu próprio mapeamento e consequente isolamento em novos conjuntos de possibilidades de ação.<sup>3</sup>

As modalidades de experiência social dessa nova tecnologia de informação também não podem mais ser compreendidas no antigo paradigma da comunicação de massa. Nesse caso, uma mesma mensagem era transmitida simultaneamente a um grande número de pessoas, mobilizando afetos e pensamentos em uníssono. Atualmente, a pluralidade das séries une as pessoas em grupos segmentados, produzindo afinidades estéticas muito mais específicas. Os instrumentos de interação social mais poderosos atualmente são, sem dúvida, as mídias sociais. Pelo Facebook e pelo Instagram, cada um pode ter a sensação de ver a todos e de ser visto por todos. Contudo, essa experiência de publicidade global é parcial. Os grupos aos quais cada usuário é convidado a pertencer seguem, em sua formação, a mesma lógica de seleção de informações por rupturas de padrões. Um dos efeitos desse tipo de agrupamento é a legitimação coletiva das informações recebidas por cada um, donde a eficácia persuasiva das *fake news*. Outro efeito é aquele de um isolamento progressivo entre diferentes agrupamentos, uma vez que as informações às quais cada grupo tem acesso são dificilmente acessíveis aos outros, acirrando artificialmente as polaridades entre diferentes posições políticas da população. De fato, não apenas não há discussões entre segmentos opostos, como eles se encontram isolados, sem acesso às mesmas informações, e nem mesmo às mesmas *fake news*, o que facilita um processo de constituição de grupos por oposição a outros, na conhecida lógica do narcisismo das pequenas diferenças (Freud, 1982c).

Vem completar esse processo um outro aspecto particularmente eficaz, do ponto de vista do apelo emocional, na relação entre o líder e seus interlocutores, a saber, a criação de uma proximidade aparente. Trump, por exemplo, inaugurou um novo método de comunicação com a população através do Twitter. Declarações que, na política tradicional, seriam consideradas como “quebras de protocolo”, são, na verdade, um estilo específico de governo pela comunicação. A experiência do eleitor ou cidadão é a de ter intimidade com seu líder, o que legitima a veracidade de suas declarações. Ao comparar as informações que recebe diretamente de seu líder com aquelas que recebe pelos meios tradicionais de comunicação, as divergências tendem a ser sistema-

ticamente interpretadas como manipulação dos opositores. A discrepância das informações entre os próprios meios se integra desse modo às práticas de desinformação intencional das *fake news*. Entra aqui também o desrespeito periódico do líder pelas instituições. A marca do herói começa precisamente com seu desprezo pela situação instituída. Mas as afirmações desrespeitosas são sistematicamente seguidas de um desmentido. Nesse caso, o efeito das contradições não é a desconfiança, mas algo mais próximo do que Orwell descreveu em sua parábola crítica ao totalitarismo soviético, o *duplipensar*. Em termos analíticos, a defesa psíquica em jogo é a da recusa, cuja formalização última é a afirmação: “Sim, eu sei, mas mesmo assim...”

Tal como descrito por Freud, o circuito de verdades se fecha em torno de cada grupo e seu líder. No interior dos grupos, as identificações se reforçam pela exclusão de alteridades ameaçadoras e pela construção de inimigos. Contudo, algo mais está em jogo, a saber, a participação de instrumentos técnicos nesse processo de produção de grupos, de simplificação de verdades e de redução da lógica discursiva a negações simples. Esse elemento técnico inexistia até há pouco na comunicação de massa. A produção algorítmica de um conjunto de informações específico para cada sujeito e simultaneamente para aquele de seus agrupamentos solicita uma nova abordagem conceitual do poder em jogo, diferente daquela usada para os meios tradicionais de comunicação.

Começemos pela singularização das ações de controle sobre cada indivíduo. Segundo Foucault, essa não é uma técnica recente nas práticas de poder. Em que pese o alto grau de refinamento tecnológico em jogo nas redes e mídias sociais hoje, sua origem pode ser encontrada no modelo do pastor e seu rebanho empregado pela tradição monástica cristã.

Foucault sublinha as diferenças entre a forma de governo da coletividade segundo o poder pastoral e aquela da política grega. O governo da *polis* era impessoal, no sentido que o governante era substituível ao longo do tempo. No caso do poder pastoral, o governo implica uma individualização máxima: o pastor é responsável não somente pelo rebanho como um todo, mas por cada ovelha em particular. Por isso, o pastor de almas cristão deve conhecer os pensamentos de cada um de seus fiéis: “sem conhecer o que se passa na cabeça das pessoas, sem explorar suas almas, sem forçá-las a revelar seus segredos mais íntimos”, não é possível exercer esse poder (Foucault, 2017b, p. 1048).

Foucault considera que os princípios do poder pastoral se perpetuaram na gestão biopolítica das populações pelas políticas públicas (saúde, segurança) e pelas instituições privadas. Ele define como *governamentalidade* o

conjunto constituído pelas instituições, pelos procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as práticas que permitem exercer esta forma bem específica, ainda que muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por forma maior de saber, a economia política e, por instrumento técnico essencial, os dispositivos de segurança (Foucault, 2004b, p. 111).

Nossa sociedade, mais do que qualquer outra, se caracterizaria como uma complexa combinação entre “técnicas de individualização e procedimentos de totalização” (Foucault, 2017b, p. 1048). Certa vez, Foucault se referiu a essa combinação como “verdadeiramente demoníaca” (Foucault, 2017a, p. 966).

## CONVIDADO

O advento das técnicas pastorais no universo algorítmico das mídias sociais não foi testemunhado por Foucault. Através delas, a tecnologia do poder pastoral atingiu níveis de articulação com os procedimentos totalizantes de gestão social provavelmente mais demoníacos do que os de sua época. Contudo, cabe notar que os procedimentos totalizantes de nossa época são aqueles do neoliberalismo. Naturalmente, a governamentalidade segundo Foucault não se resume ao modo neoliberal de gestão da população, que é apenas sua forma atual. Mas estamos imersos nessa forma e ela utiliza o poder pastoral que lhe convém. Com efeito, a atualização do poder pastoral pela internet se articula com surpreendente perfeição aos princípios de totalização do projeto neoliberal ao qual está associada.

Ora, o neoliberalismo se caracteriza por dois aspectos. Primeiramente, pelo questionamento da ideia de Estado enquanto uma necessidade inquestionável, o que marca sua diferença para com a forma anterior, pautada pela ideia de Estado como um fim em si mesmo. Em segundo lugar, pela promoção da lógica de maximização de benefícios e redução dos custos a um princípio de ação universal. Esses dois aspectos do neoliberalismo são homólogos à ideia de que os sujeitos sejam radicalmente livres. Gary Becker, prêmio Nobel de economia, sustenta que qualquer comportamento humano deva ser sempre considerado como uma “escolha racional entre objetivos excludentes visando à maximização de utilidades” (Becker, 1990, p. 5).

Contudo, Becker não problematiza o conjunto de escolhas disponíveis ao sujeito livre. Uma análise mais detida desse conjunto demonstra com facilidade que se trata de uma liberdade vigiada. Por exemplo, no caso do funcionamento algorítmico das novas mídias sociais, os objetivos excludentes oferecidos à escolha racional de cada um são objeto de um refinado controle. O mesmo poderia ser dito a respeito das escolhas racionais do sujeito no mundo atual. Compreende-se, assim, a razão de fundo de um aparente paradoxo do neoliberalismo, a saber, aquele de ser simultaneamente uma teoria de gestão social fundada na liberdade individual e se colocar como totalmente compatível com governos autoritários e violentos, como mostra o “experimento inaugural” realizado no Chile de Pinochet.

#### A LINGUAGEM COMO HORIZONTE DE AÇÃO DOS SUJEITOS

A análise foucaultiana da governamentalidade neoliberal coloca em relevo precisamente isso: as relações de poder só podem se dar sobre sujeitos que agem como se fossem totalmente livres. Desde o advento da biopolítica, diz Foucault, governar passou a ser estruturar o eventual campo de ações dos outros, presentes e futuras (Foucault, 2017b, p. 1055). Isso implica definir os “dispositivos”, os “quadros” e os “ambientes” e as normas nas quais os seres humanos se compreenderão como livres. Fica clara então a especificidade do *projeto performativo* do neoliberalismo no conjunto das formas de governamentalidade. Ninguém o explicitou com mais clareza do que Margaret Thatcher: “A economia é o método, mas o objetivo é transformar o espírito” (Harvey, 2013, p. 32). Em outras palavras, se a meta é a condução da ação de cada indivíduo no interior da condução geral da população, isso depende de considerar e educar cada um como um sujeito livre e racional frente às suas escolhas. Ao controlar o quadro discursivo, jurídico e moral dos sujeitos considerados como unidades de cálculo custo-benefício, podemos falar que os dispositivos do neoliberalismo efetivam-se como formas específicas de produção de subjetividades em um plano ontológico. Com efeito, diz Laval, “não se trata primordialmente

de uma ideologia. Se trata antes de mais nada de uma tecnologia de poder” (Laval, 2018, p. 42).

Para concluir estas reflexões, gostaria de ressaltar alguns pontos. O primeiro ponto diz respeito a uma transformação na estratégia discursiva da dominação, que passa a trabalhar essencialmente no campo da pragmática. De fato, a retórica dos líderes autoritários e, para usar uma expressão particularmente feliz proposta por Ian Parker, *calculadamente estúpidos*, continua fundamentalmente a mesma descrita pelos fundadores da Escola de Frankfurt.

Horkheimer e Adorno viram na psicanálise freudiana uma forte aliada no entendimento da publicidade na cultura e na política. Em suas pesquisas empíricas sobre o antissemitismo, Adorno ampliou as interpretações de *Psicologia das massas*, e descreveu novos elementos retóricos: o pequeno grande homem, o rebaixamento de inibições, a nobreza do sacrifício, a indeterminação da causa a ser defendida, a limitação da argumentação à repetição a um grupo restrito de clichês, etc. (Adorno, 1951).

Cabe também lembrar que Adorno diferencia com precisão cirúrgica a abordagem psicanalítica e a interpretação propriamente sociológica na compreensão do fenômeno de massa. Para ele, ainda que haja sempre uma propensão espontânea para o fascismo em todas as massas, “a manipulação do inconsciente é indispensável para a atualização de seu potencial”. Assim, Adorno sustenta que “o fascismo como tal *não* é um problema psicológico”. O fascismo apenas “define uma área psicológica que pode ser explorada de forma bem-sucedida pelas forças que o promovem por razões de interesse próprio” (Adorno, 1951, pp. 185-186).

Adorno compreende tal apropriação dos conceitos psicanalíticos pela indústria cultural e pela política como um anestésico do “potencial revolucionário das massas”. Considerando que a psicanálise visa a emancipar o sujeito das leis heterônomas do inconsciente, Adorno descreve a indústria cultural como uma espécie de “psicanálise ao avesso”. Adorno reafirma, portanto, a pertinência da teoria freudiana do poder, assim como a eficácia do registro semântico no qual ela vigora. Mas ele a inclui em uma dimensão mais ampla da linguagem, propriamente pragmática, onde a tecnologia da comunicação institui formas de poder capazes de absorver e utilizar a seu favor os conceitos da psicanálise, anulando seu potencial crítico.

A meu ver, a abordagem dessa forma de dominação do ponto de vista foucaultiano confirma a mudança de Adorno para a pragmática na interpretação dos fenômenos de mobilização de massas. Mas suas ferramentas conceituais vão ainda mais longe na importância de uma reflexão sobre o poder do ponto de vista da linguagem como um elemento que precede os sujeitos. A linguagem é o ambiente socializante por excelência e, como tal, é também nesse campo possível que os sujeitos e suas ações podem ser melhor controlados. Segundo Foucault, o principal objetivo de seu trabalho foi tentar “produzir uma história dos modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura [ou seja] os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos” (Foucault, 2017b, p. 1042).

Nesse sentido, ele considera os discursos, as disciplinas e as práticas como forças essencialmente performativas do conhecimento e do poder que socializam os sujeitos ao objetivá-los. Essa forma de transformar os seres humanos pode ser vista como estando em bases diferentes da retórica e da persuasão. Nos modos de subjetivação, os sujeitos e sua consciência são pensados como



## CONVIDADO

os efeitos dos discursos, disciplinas e práticas, dispositivos fundamentalmente abertos à contingência histórica. Em outras palavras, a perspectiva foucaultiana, baseada em uma abordagem essencialmente pragmática dos discursos, sugere que uma análise do poder na chave neoliberal enfatiza um nível propriamente performativo de seu funcionamento, onde a linguagem precede os sujeitos e suas relações sociais.

Isso permite-nos concluir enfatizando a centralidade da linguagem numa visão crítica dos discursos alienantes e das suas técnicas. Sintaxe, semântica e pragmática podem ser vistas como um contorno capaz de traçar diferenças nas formas de poder que são alcançadas pela linguagem e que não só persuadem e fazem parte dela, mas que de fato constituem sujeitos e relações sociais. O poder na governamentalidade neoliberal não é apenas atualizado por uma semântica centrada na figura paterna, seguindo a hipótese freudiana da psicologia de massas, nem por uma sintaxe da razão instrumental das dimensões planetárias, como mostra a Escola de Frankfurt. Ela se infiltra mais sutilmente nas estruturas da linguagem que definem a essência dos sujeitos e suas relações sociais.

O segundo ponto que sugiro para a discussão diz respeito à transformação nas políticas da verdade sob o regime neoliberal ao elevar o homem comum ao lugar do sujeito suposto saber. Após o intelectual universal, após o intelectual específico, a verdade é hoje legitimada pelo homem comum. Mas isso não se realiza simplesmente através de um mero convencimento retórico do homem comum de sua excelência intelectual. Pelo contrário, sua ascensão ao lugar de sujeito suposto saber depende de um controle refinado das estruturas sociais de reconhecimento desse seu novo posto, isto é, do seu ambiente discursivo mais imediato. Como afirma Foucault, trata-se de uma evolução tecnológica verdadeiramente demoníaca, capaz de articular formas de gestão totais, de amplitude biopolítica, com formas de vigilância individualizadas, que conduzem silenciosamente suas conclusões garantindo sua impressão de autonomia e de descoberta.

Ora, esse acesso privilegiado à verdade produzido não mais pela persuasão retórica, mas sim pelo caráter performativo do poder pastoral, tem seu preço. A principal diferença, do ponto de vista das interações discursivas, é que a retórica admite o que se poderia chamar de uma *logomaquia*, isto é, uma *guerra de palavras*, onde os oponentes se reconhecem legitimamente como tais. Já no momento performativo da dominação, o homem comum, devidamente alçado ao lugar de saber, sente que deve proteger a verdade sem se submeter a tal guerra de palavras. Não por acaso, as informações que lhe chegam sobre o mundo e a sociedade têm sempre a mesma forma: "Você estava sendo enganado". Em 1973, em seu seminário sobre o poder psiquiátrico, Foucault demonstra como a verdade na medicina progressivamente passa de um regime revelação, isto é, de acontecimento esporádico, para o regime demonstração. Ora, na dominação algorítmica da política neoliberal, a verdade como demonstração é de novo reabsorvida no regime de verdade como revelação. A experiência de saber a verdade do homem comum não é separável daquela de ter sido enganado, o que nos permite adjetivar seu conhecimento como essencialmente paranoico. De fato, a agressividade passa, assim, a intermediar as relações sociais em torno da detenção da verdade. Não é um acaso que o revisionismo da história e o negacionismo da geografia esférica da Terra sejam pontos de honra para o novo sujeito suposto saber, já que no conhecimento paranoico, tudo o que é senso comum, todo conhecimento estabelecido deve ser colocado sob suspeita.

## NOTA

3. Uma série de documentários tem recentemente abordado essa questão. Em particular, *The social dilemma*, dirigido por Jeff Orlowski e escrito por Orlowski, Davis Coombe e Vickie Curtis, lançado pela Netflix, em 9 de setembro de 2020.

## REFERÊNCIAS

- Adorno, T. (2007). A teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda [1951]. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise** (p.153-189). São Paulo: Editora UNESP.
- Arendt, H. (2000). **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Becker, G. (1990). **The economic approach to human behavior**. Chicago: The University of Chicago Press.
- Foucault, M. (2004b). **Sécurité, territoire, population, cours au Collège de France (1977-1978)**. Paris: EHSS/Seuil/Gallimard.
- Foucault, M. (2017a). "Omnes et singulatim": vers une critique de la raison politique. In Foucault, M. **Dits et écrits** (Vol. II, 1976-1988). Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2017b). Le sujet et le pouvoir. In Foucault, M. **Dits et écrits** (Vol. II, 1976-1988). Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2017c). La fonction politique de l'intellectuel [1976]. In Foucault, M. **Dits et écrits** (Vol. II, 1976-1988, p.109-114). Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1982a). **Das Ich und das Es** (Studienausgabe, III). Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1982b). **Das ökonomische Problem der Masochismus** (Studienausgabe, III). Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1982c). **Das Unbehagen in der Kultur** (Studienausgabe, IX). Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1982d). **Der Mann Moses und die monotheistische Religion** (Studienausgabe, IX). Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1982e). **Jenseits des Lustprinzips** (Studienausgabe, III). Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1982f). **Massenpsychologie und Ich-Analyse** (Studienausgabe, IX). Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1982g). **Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. 35 Zur einer Weltanschauung** (Studienausgabe, I). Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1982h). **Totem und Tabu** (Studienausgabe, IX). Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1982i). **Warum Krieg?** (Studienausgabe, IX). Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Harvey, D. (2013). **Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola.
- Laval, C. (2018). **Foucault, Bourdieu et la question néolibérale**. Paris: Éditions La Découverte.